



## Concepções que dialogam além do círculo: linguagem, interação, enunciado concreto, gêneros discursivos<sup>1</sup>

Agildo Santos Silva de Oliveira<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo

Vânia Lúcia Menezes Torga<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz

*Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites).  
Mikhail Bakhtin*

### RESUMO

A proposta deste artigo tem como objetivo discutir, teoricamente, sobre algumas das principais concepções que atravessam a constituição do que hoje conhecemos como Círculo de Bakhtin e que sustentaram a pesquisa de Mestrado do primeiro autor deste artigo. Tais concepções que refletimos são: linguagem, enunciado concreto, gêneros do discurso e a própria noção de Círculo de Bakhtin. Para isso, buscamos fundamentação teórico-metodológica nos principais textos dos integrantes do Círculo, com ênfase em Bakhtin, que problematizam as concepções supracitadas. Assim, nosso estudo teve como principais fontes teóricas: Bakhtin (2010a, 2010b, 2011 e 2013); Bakhtin/Volochínov (2010); Medviédev (2012) e Volóchinov (1976). Buscamos também diálogo direto com alguns pesquisadores brasileiros como: Brait (2011); Campos (2012); Faraco (2009) e outros.

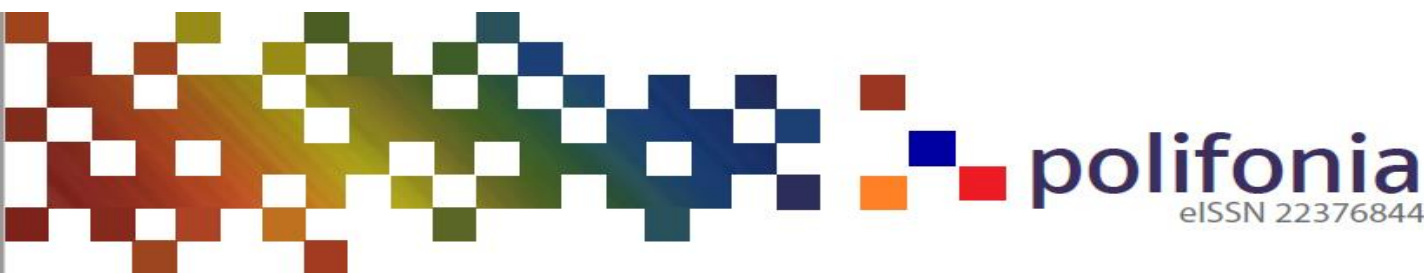
**Palavras-chave:** linguagem, enunciado concreto, gêneros discursivos.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Integrante GEDUSP. Bolsista Capes.

<sup>3</sup> Professora Doutora do PPGL – Letras/UESC-BA.



## Concepts in an ‘outside-the-box’ dialogue: language, interaction, concrete statement, genres of discourse

### ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss a few theoretical reflections on some of the key concepts that come across the constitution of what we now know as the Bakhtin Circle and which formed a decisive part of the Master’s research project written by the first author of this paper. These concepts are: language; concrete statement; discourse genres; and the notion of the Bakhtin Circle itself. To this end we have sought a theoretical and methodological basis in the Circle members’ main texts, with emphasis on the Bakhtin’s ones, which problematize the aforementioned concepts. Thus, our study has as its main theoretical sources: Bakhtin (2010a, 2010b, 2011 and 2013); Bakhtin/Volóchinov (2010); Medvedev (2012) and Volóchinov (1976). We also seek to engage directly with some Brazilian researchers, such as: Brait (2011); Campos (2012); Faraco (2009) and others.

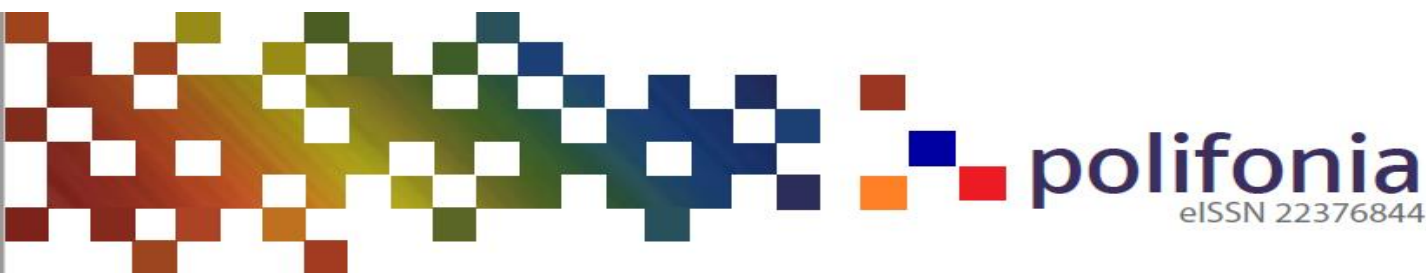
**Key-words:** language, concrete statement, discourse genres.

## Concepciones que dialogan más allá del círculo: lenguaje, enunciado concreto, género del discurso

### RESUMEN

La propuesta de este artículo tiene como objetivo discutir, teóricamente, sobre algunas de las principales concepciones que atraviesan la constitución de lo que hoy conocemos como Círculo de Bakhtin y que sustentaron la investigación de Maestría del primer autor de este artículo. Tales concepciones que reflejamos son: lenguaje, enunciado concreto, géneros del discurso y la propia noción de Círculo de Bakhtin. Para ello, buscamos fundamentación teórico-metodológica en los principales textos de los integrantes del Círculo, con énfasis en Bakhtin, que problematizan las concepciones arriba citadas. Así, nuestro estudio tuvo como principales fuentes teóricas: Bakhtin (2010a, 2010b, 2011 y 2013); Bakhtin/Volochínov (2010); Medviédov (2012) y Volóchinov (1976). Buscamos también diálogo directo con algunos investigadores brasileños como: Brait (2011); Campos (2012); Faraco (2009) y otros.

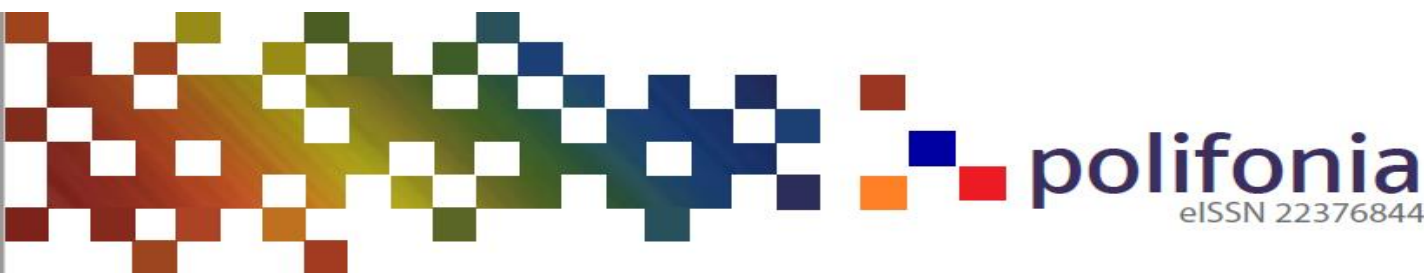
**Palabras-clave:** lenguaje, enunciado concreto, géneros del discurso.



## Introdução

No Brasil, quando se fala em Círculo de Bakhtin podemos dizer que cinco conceitos são os mais cotejados: dialogismo, interação, linguagem, enunciado concreto e gêneros do discurso. Ao levarmos em consideração as esferas de atividade humana em que a produção do Círculo é utilizada, teremos diferentes ordens de alusões aos conceitos. Por exemplo, na academia, em diferentes áreas do conhecimento, dialogismo, muitas vezes confundido com polifonia, tornou-se o signo mais representativo do grupo; já entre os professores de Língua Portuguesa, do ensino básico, antes da chegada dos gêneros, circulou o termo interação, ainda que com suas limitações de definição, porque não se sabia com propriedade o conceito desse termo; mesmo chegando depois, a expressão mais “inflacionada”, valoração utilizada por Faraco (2009), é o gênero do discurso, muito devido aos documentos oficiais escolares como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para o Ensino Fundamental anos finais, e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM).

Considerando a relevância do tema, neste artigo propomos um diálogo acerca de quatro conceitos constitutivos de uma malha conceitual mais extensa da “análise dialógica do discurso” (BRAIT, 2012, p. 9). Perspectiva filosófica da linguagem que, nos últimos anos, tem sido uma das abordagens teóricas mais mobilizadas por pesquisadores brasileiros da área de Linguística e Literatura. Essa abordagem teórica, desenvolvida por estudiosos que integraram o Círculo de Bakhtin, permite-nos a compreensão de que a linguagem produz e é produto das ininterruptas interações discursivas constituídas por sujeitos históricos, socialmente organizados. Das concepções discutidas pelo Círculo, as discussões acerca da linguagem, interação, enunciado concreto e gêneros discursivos são aquelas que sempre estiveram presentes no projeto do Círculo de Bakhtin para os estudos da linguagem, que tem como ponto de



chegada o dialogismo. Por essa razão, procuramos estabelecer um diálogo acerca das reflexões apresentadas.

Começaremos as discussões a partir de dois conceitos-chave na filosofia de linguagem do grupo: a própria concepção espiralada e dialógica da linguagem, e da compreensão acerca da interação discursiva.

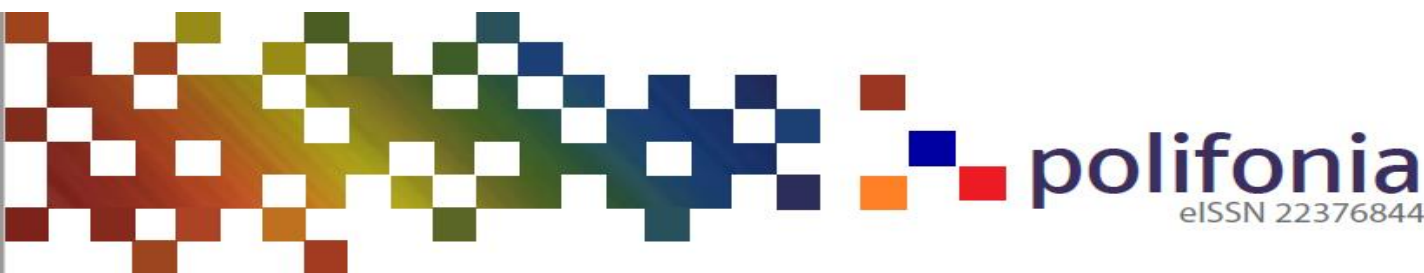
## **1 A linguagem em espiral e a interação discursiva**

Atualmente, no cenário de investigações acadêmicas brasileiras na área da linguagem, são desenvolvidos muitos estudos na perspectiva filosófico-dialógica do russo Mikhail Bakhtin e de seu Círculo<sup>4</sup>. Nesse prisma, a linguagem é muito mais que a dicotomia língua e fala; pelo contrário, os estudiosos de tal perspectiva argumentam que a linguagem não deve ser pensada como divisão, mas sim como adição e multiplicação, porque muitos são os fatores que atravessam a contínua constituição da lingua(gem). Dentre eles, estão os atores locutor e interlocutor, sujeitos históricos, que participam da constituição enunciativa, e, por sua vez, tal composição sempre se realiza numa atividade discursiva concreta e situada historicamente. Por essa razão, os investigadores da perspectiva apresentada entendem que linguagem e interação caminham juntas.

Ainda no tocante à interação discursiva, destacamos que esse pensamento atravessa os trabalhos de Bakhtin e de seus pares. Ao mesmo tempo, essa reflexão é uma das mais discutidas no Brasil, e não por acaso. Enquanto o Estruturalismo defendia uma constituição monológica da lingua(gem), pois essa era pensada como um sistema fechado, um conjunto de regras regulares que estão em combinação entre si, não

---

<sup>4</sup> A concepção de Círculo foi usada tardiamente pelo psicolinguista A. A. Leont'ev, em 1967, para se referir a um heterogêneo grupo de estudiosos russos, do início do século XX, que se debruçavam sobre questões estéticas, filosóficas, linguísticas e cotidianas. Para maiores esclarecimentos: Brait (2009); Brandist (2012); Faraco (2009).



havendo espaço para outros fatos constituintes que não a estrutura, Bakhtin nega esse ponto de vista ao comprovar que a natureza constitutiva da linguagem é dialógica.

Em “O discurso no romance”<sup>5</sup>, Bakhtin vale-se da noção de forças centrípetas e centrífugas para discutir o monologismo e o dialogismo linguísticos, respectivamente. Para ele, as forças centrípetas são aquelas que unificam e centralizam ideologicamente a língua, como se ela fosse um sistema de regras autônomo e fechado em si; mas, para Bakhtin, ao lado desse sistema, há a dinâmica real da vida linguística, composta pelas históricas e ideológicas relações entre sujeitos. Essas interações exteriores à língua, mas que proporcionam a construção dela, é uma abertura efetivada por forças centrífugas. Assim, diz Bakhtin (2010b, p. 82):

[...] ao lado de forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação.

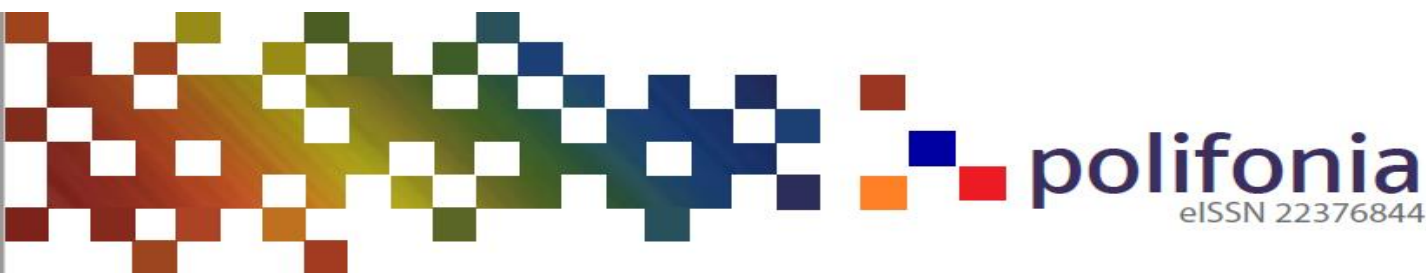
Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas.

Ou seja, para entender o processo de constituição da língua é necessário levar em consideração não apenas uma das forças, mas sim as duas, pois do contrário tenderemos “a uma composição monológica do fenômeno estudado, separada da dialogia constitutiva das relações humanas” (GEGe, 2009, p. 49).

Além disso, o caráter constitutivo da linguagem deve ser entendido, também, como dialógico porque o que temos de real na sua composição são os enunciados, que sempre estão em ampla e estreita relação entre si, estabelecendo relações de sentido, sendo que tais relações têm como referência o conjunto da interação verbal (FARACO, 2009). Nenhuma relação de sentido entre os enunciados se dá no vácuo, ela se dá sempre numa ação concreta de linguagem com sujeitos histórica e socialmente

---

<sup>5</sup> Cf. Bakhtin (2015b, p. 71 – 83).



organizados, posicionados numa alternância dialética *eu – tu*, ela “só existe efetivamente no contexto das relações sociais” (CAMPOS, 2012, p. 250). Não há condição de relação monológica, de *si para si*; a condição é sempre dialógica, do *eu* para o *tu*.

Não podemos esquecer que a dialogia assim vista é ininterrupta. Lembremos o que expõem Volóchinov, em *Marxismo e Filosofia da linguagem*: o dizer do sujeito histórico não é adâmico, ele surge de uma resposta a enunciados anteriores, bem como abre caminhos para enunciados posteriores (VOLÓCHINOV, 2017). Em termos de língua, podemos pensar que sua sincronia é também uma ilha, pois, antes desse seu estágio atual, veio um anteriormente e tantos outros lhe sucederão. O que a língua é mantém uma estreita relação com o que já foi, bem como um anúncio do que virá; a dinâmica da língua é como a dinâmica discursiva da vida: essencialmente dialógica, uma vez que

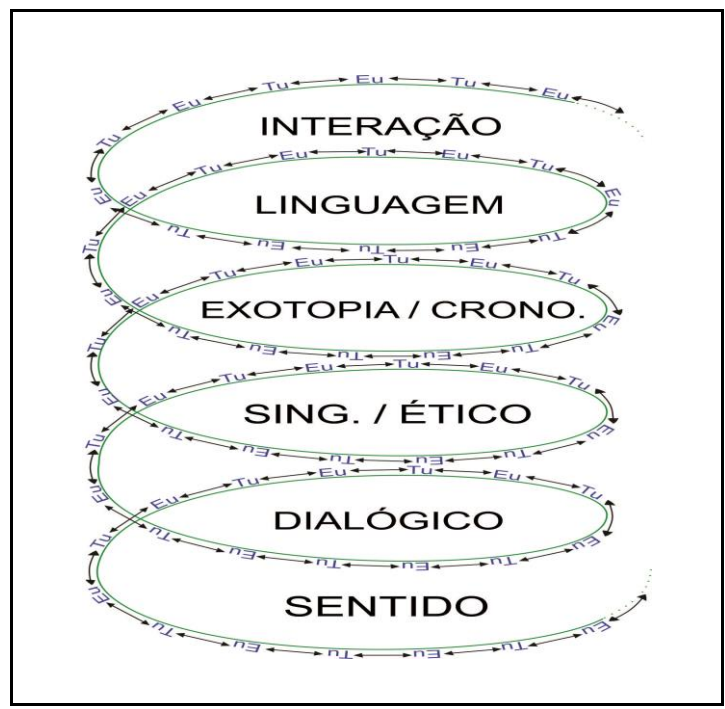
[...] o dialogismo [igualmente] diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem (BRAIT, 2011, p. 95).

Além disso, “[...] o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o *eu* e o *outro* nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos” (BRAIT, 2011, p. 95). Para que o *eu* construa e dirija um enunciado ao *tu*, por exemplo, é necessário que ele compreenda que o *tu* é um sujeito, assim como ele, historicamente situado e é daquele lugar que o *tu* construirá o sentido de tal enunciado.

Essa relação dialógica representa também uma concepção espiralada de linguagem. Isso se dá porque as teias de sentidos entre os enunciados, os discursos, são também encadeamentos entre *eu(s) – tu(s)* como representada na Figura 1:

### **Figura 1 – A linguagem em espiral**





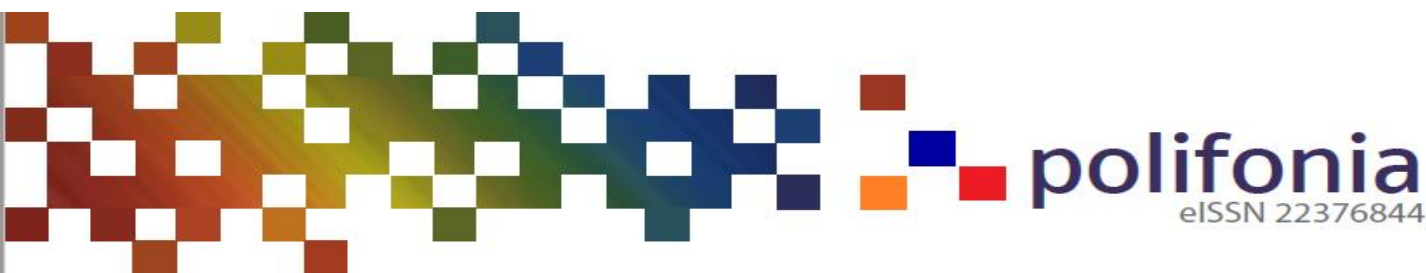
FONTE: Oliveira (2014, p. 34).

A interação discursiva, constituída numa alternância de interlocutores e enunciados, é resultado de atividade intersubjetiva mediada pela linguagem, que por sua vez é uma ação concreta, porque não ilusória, e também dialógica, por estabelecer relações de sentido entre os interlocutores e seus enunciados, bem como entre os discursos anteriores e posteriores a eles.

Além do mais, compreendemos que, nessa arena discursiva, os interlocutores agem de um lugar exotópico<sup>6</sup> socialmente organizado, e, a partir disso, tendo uma excedência de visão própria, e ainda de um cronotopo<sup>7</sup>, de um tempo histórico

<sup>6</sup> O conceito de exotopia, também entendido como excedência de visão, refere-se ao lugar exterior que ocupa em relação ao outro. Ou seja, eu sempre estou fora do outro, por essa razão consigo ver no outro o que ele do seu lugar não consegue, por não estar fora de si. Do mesmo modo, o outro consegue ter uma visão de mim que eu não tenho, pois ele ocupa um lugar fora de mim. Cf. Bakhtin (2010a); Bakhtin (2011).

<sup>7</sup> Se o termo cronotopo se refere ao espaço, esse diz respeito, também, ao tempo. O sujeito sempre ocupa um espaço em um tempo específico, por isso sempre histórico. Qual a relevância disso? A compreensão de que estamos em constante mudança. Por isso, hoje não somos o mesmo de ontem, nem o de amanhã,



específico. Isso acusa pelo seu turno a singularidade de cada sujeito, pois ninguém ocupa seu lugar no mesmo tempo que si, por isso seus Atos são éticos e de sua inteira responsabilidade. Toda essa arquitetura só é possível se levarmos em consideração que a linguagem se constrói nas relações *eu – tu* e se desenvolve em espiral, já que o *eu/tu* de hoje traz marcas e estabelece relações com o *eu/tu* de ontem e o de amanhã.

Aludindo a essa interação, que agora se concretiza, dizemos: o *eu*, autor deste artigo é o *eu 1*, se considerado sincronicamente, ou seja, num recorte, e o leitor é o *tu 1* dessa sincronia; porém, se considerarmos que esse *eu* autor é resultado de outras interações anteriores a essa do artigo, ele já não será um *eu 1*, mas um *eu* que numericamente, na cadeia da interação discursiva, já foi um *tu* que manteve relações com outros *eus*. Do mesmo modo, o *tu* sincrônico, o leitor, já foi *eu* em tantas outras interações com tantos outros *tu e eu* como ilustrado na Figura 2:

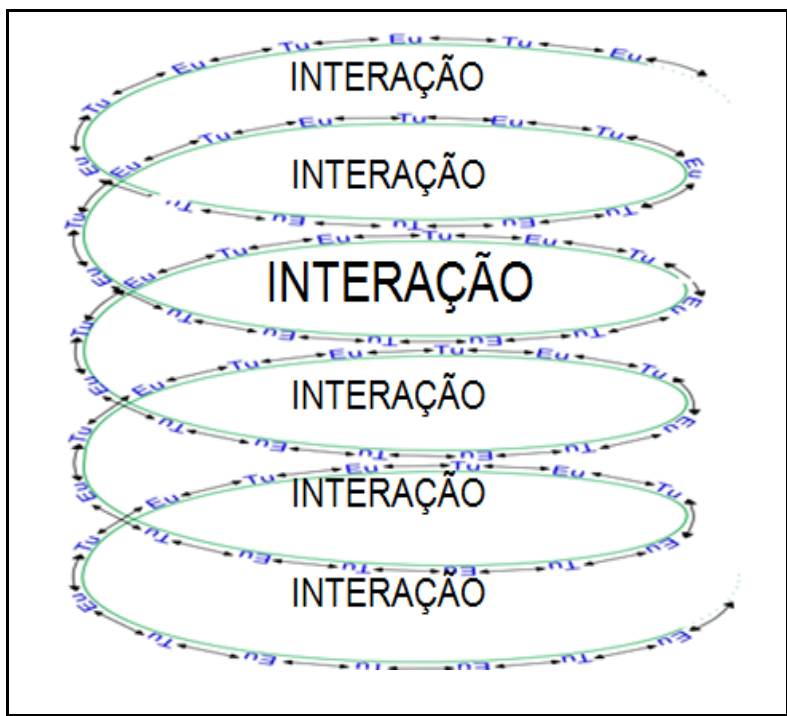
### **Figura 2 – Cadeia da interação discursiva**

---

mas mantemos uma relação dialógica com todos eles. Todas essas relações permitem-nos enxergar, do nosso lugar e num determinado tempo, o que só nós, com nossas experiências, conseguimos.

Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.41, p. 01-188, janeiro-março, 2019.





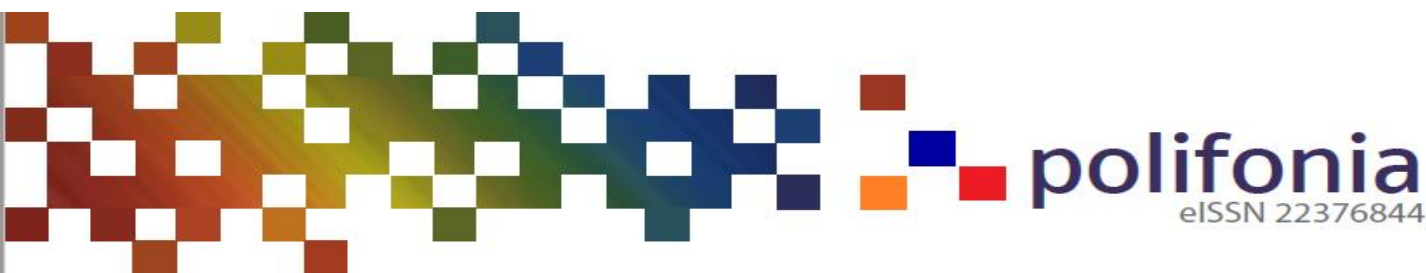
FONTE: Oliveira (2014, p. 36).

E é nesse sentido que compreendemos que a dialogia abre o espaço para a concepção da linguagem em espiral, pois

[...] quaisquer enunciados, se postos lado a lado no plano do sentido, acabam por estabelecer uma relação dialógica. Mesmo enunciados separados um do outro no tempo e no espaço e que nada sabem um do outro, se confrontados no plano do sentido, revelarão relações dialógicas (BAKHTIN, 2011, p. 323).

Outro entendimento caro a Bakhtin é o caráter ético que atribui à linguagem. Vejamos: se nós somos singulares, porque não existirá outro *eu* no mesmo tempo e espaço, então todos os meus Atos dizem respeito a mim e só *eu* posso assumi-los. Aqui, nos remetemos ao não-álibi<sup>8</sup> do sujeito.

<sup>8</sup> Essa concepção filosófica de não-álibi na existência surgiu no inacabado ensaio filosófico de Bakhtin. Ela significa que nós não temos uma justificativa para isentar a nossa responsabilidade sobre o que fazemos. Por exemplo, não podemos buscar responsáveis para responder ou assumir a responsabilidade



Enquanto evento singular, o ato de escrever este texto, bem como o ato dos leitores para a avaliação não mais se repetirá, pois jamais haverá outros nós nos mesmos tempos e espaços que ocupamos; ainda que voltemos para lermos esse texto e reescrevê-lo ou reavaliá-lo, já não o faremos nos mesmos tempos e espaços, também nem seremos mais os mesmos, pois a tessitura dele nos alterou de tal maneira que ao sairmos dele já não somos mais os mesmos.

Assim, é nessa direção que a linguagem também é Ato. Quando o *eu* estabelece uma relação com o *tu*, e isso é sempre pela linguagem, ele assume frente ao outro sua responsabilidade de pensar o que diz; do mesmo modo, quando o *tu* responde ao *eu*, seu Ato responsivo também é assumidamente responsável e só eles respondem pelos mesmos.

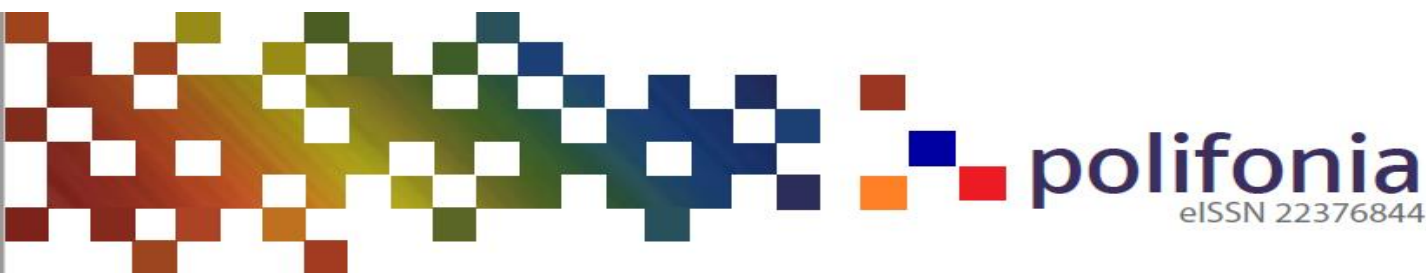
Em resumo: se a constituição dialógica da linguagem é uma realização ininterrupta de concretização de enunciados, a vida é uma efetivação contínua de Atos responsáveis, sendo esses mediados pelas formas típicas dos enunciados concretos. E é sobre o entendimento, bem como a funcionalidade da unidade da interação discursiva, o enunciado, que discutiremos a seguir.

## **2 Enunciado concreto - unidade da interação discursiva e dos gêneros do discurso**

A concepção de enunciado é discutida em muitos textos tanto de autoria de Bakhtin (2016) quanto de seus pares, principalmente Volóchinov (2017) e Mediviédev (2012), o primeiro par com mais profundidade. É em *Marxismo e filosofia da*

---

da nossa pesquisa, não há um alibi na existência que nos impeça de assumir a nossa responsabilidade frente à investigação, sobretudo porque ao assinarmos com firma reconhecida o projeto, reconhecemos nossa responsabilidade sobre ele, ou seja, assumimos nossa responsabilidade responsável sobre esse estudo.

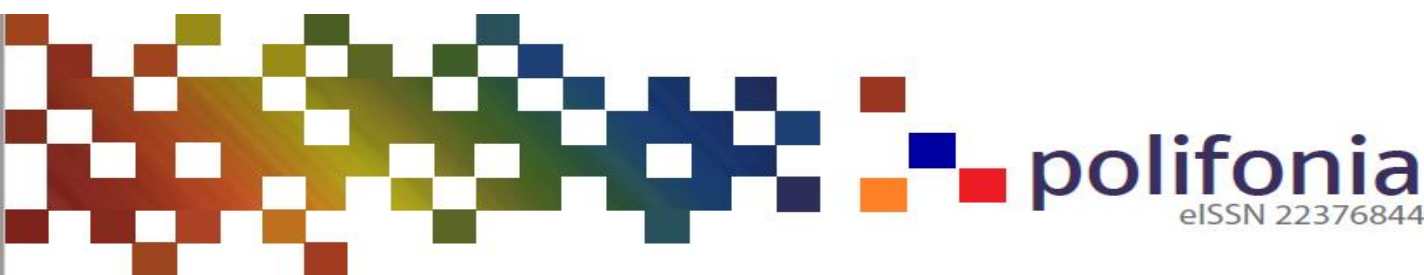


*linguagem*, texto de 1929, que Volóchinov (2017) discute o entendimento desse termo quando debate sobre as características da língua, da fala e do enunciado. O entendimento de enunciado é construído num momento em que o Estruturalismo linguístico divulgava a concepção de língua como unidade abstrata e objetiva, passível de sistematização a partir das suas regras. Bakhtin (2016), por sua vez, em *Os gêneros do discurso*, nos reapresenta ao termo, que, segundo ele, deve ser o verdadeiro objeto de análise para entender a constituição dialógica da linguagem, o enunciado. Assim, diz:

A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da *real unidade* da comunicação discursiva – o *enunciado*. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2016, p. 28).

Nesse sentido, Bakhtin passa a advogar sobre o entendimento de um elemento, que é utilizado em todas as atividades da comunicação verbal. As diversas atividades verbais são construídas por enunciados concretos, construídos pelos sujeitos numa atividade social concreta, por isso afirma que “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real” (BAKHTIN, 2016, p. 28). Por exemplo, numa conversa informal entre amigos ou no discurso mais formal de uma autoridade de Estado, o texto verbal é construído por inúmeros enunciados, não há condição de ilustração, pois o enunciado existe, ele está mediando a interação discursiva *eu – tu* em uma ou em outra situação.

Além disso, Bakhtin (2016), marca a diferença entre oração e enunciado, afirmando que eles não são sinônimos. A primeira é unidade da língua, o segundo uma unidade da comunicação; cada uma tem especificidades que as caracterizam e as distanciam uma da outra. A oração é: um fato gramatical, não é marcada pela alternância do sujeito, não leva em consideração a comunicação real, não pertence a ninguém e as relações exteriores são ignoradas; já o enunciado caracteriza-se pela oposição: não é um fato gramatical, mas sim histórico, é marcada pela alternância dos



sujeitos, considerando, portanto, a comunicação verbal, pois o enunciado é produto dela, pertence a um sujeito e os fatos exteriores que não só são importantes na sua constituição, como atravessam sua composição. Por essa razão, um termo não pode, jamais, ser permutado pelo outro.

Em *Discurso na Vida e Discurso na Arte*, segundo Volóchinov (1976), há uma relação direta entre o enunciado, visto como discurso, e o extraverbal:

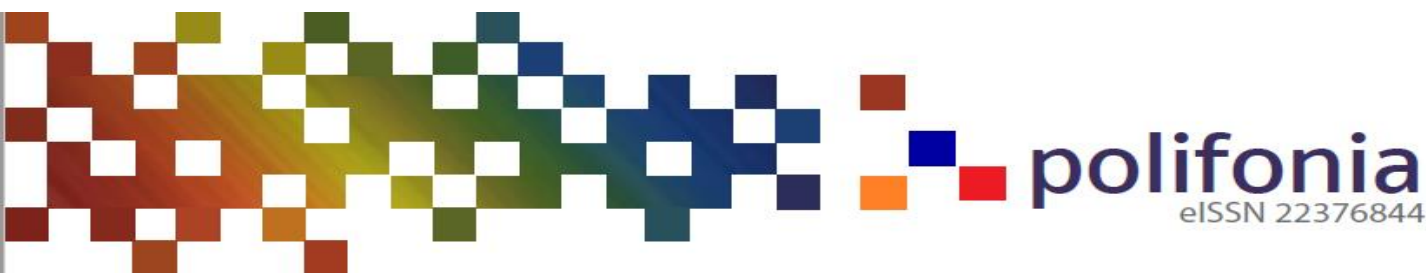
Na vida, o discurso verbal é claramente não auto-suficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação (VOLOCHÍNOV, 1976, p. 4).

Ou seja, se o extraverbal, a vida, for retirado do enunciado, possivelmente a sua significação será alterada; não temos nenhuma certeza do contrário.

Ao extraverbal, acrescentamos o caráter responsivo, dialógico e seu acabamento. Todo enunciado é uma resposta a enunciados anteriores, sendo, portanto, responsivo; ele também é dialógico, uma vez que estabelece relações de sentidos com outros enunciados anteriores e posteriores a eles historicamente; e todo enunciado tem um começo absoluto e um fim absoluto, o que não nos permite ignorar que ele seja um acabamento (composicional) dentro de um certo inacabamento (temático), haja vista o fim absoluto do enunciado não é o fim absoluto das interações verbais, pois outras interações já estão por vir, elas são ininterruptas.

Por último, o enunciado também é considerado como uma unidade dos gêneros do discurso. Lembremos que os gêneros discursivos são formas típicas, relativamente estáveis, de enunciados, o que será discutido a seguir.

### **3 Os gêneros do discurso na excedência de visão do Círculo**



Se o enunciado é um elo na cadeia das ininterruptas sociointerações verbais, o conceito de gêneros discursivos é, sem dúvida, o principal elo entre Bakhtin e seus interlocutores brasileiros, sobretudo quando se trata de professores de Língua Portuguesa da educação básica.

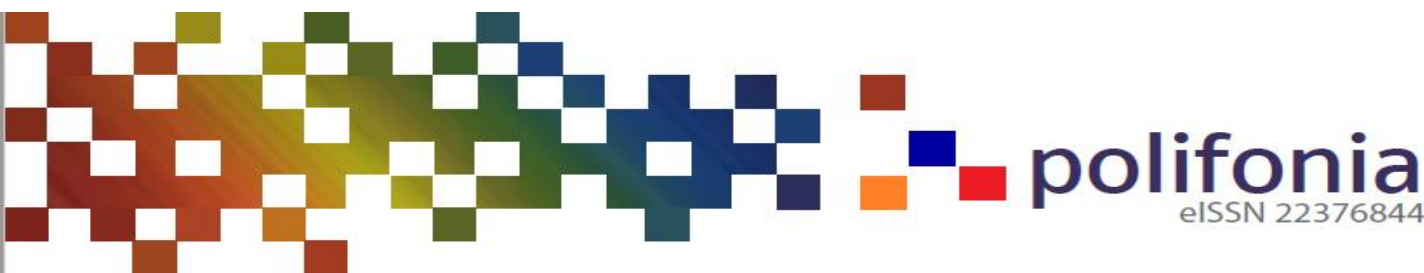
Para Faraco, há um “uso inflacionado no Brasil – em especial no discurso pedagógico posterior à reforma do ensino de 1996 – da expressão gêneros do discurso, tendo o texto de Bakhtin como referência” (FARACO, 2009, p. 122). Fica indicativo que essa adesão na esfera pedagógica deve-se tanto à LDB, de 1996, bem como a outro documento posterior, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1998. Esse último traz explicitamente em várias passagens o termo gêneros discursivos/textuais<sup>9</sup> como principal objeto de estudo nas aulas de LP, tornando necessário o uso dos gêneros nas aulas.

Passamos agora a localizar e entender o conceito de gêneros discursivos nos estudos de Bakhtin e do Círculo.

Quando procuramos compreender os gêneros discursivos, recorremos diretamente não só a Bakhtin ([1952 – 1953] 2016) em *Os gêneros do discurso*, mas, simultaneamente, encontramos o tema, no terceiro capítulo da terceira parte de *O método formal nos estudos literários: introdução a uma crítica sociológica*, de autoria de Pável N. Medviédev ([1928] 2012); no segundo capítulo da primeira parte e no sexto capítulo da segunda de *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do*

---

<sup>9</sup> É muito comum nos cenários de produção e divulgação científica brasileiros alguns autores tornarem como sinônimas as expressões “gêneros discursivos” e “gêneros textuais”, mas é sabido que as perspectivas teóricas são diferentes. Enquanto a primeira se detém nos aspectos sócio-linguístico-discursivos, ou seja, dialógicos e extralinguísticos, a segunda se preocupará com os aspectos textuais, ou seja, linguísticos, caracterizando os estudos da Linguística de texto. É necessário, também, assinalar que nos PCNs as expressões são sinônimas, sim, mas os conceitos não; neste documento, há uma clara alusão à teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos, porém, à época da composição dos documentos – final da década de 1990 – o acesso ao pensamento do estudioso russo, no Brasil, era por meio de tradução da tradução, principalmente da edição francesa, que usou ora gênero discursivo, ora gênero textual, o que causou alguns ruídos nas traduções dos termos e o uso da sinonímia. Como se vê, a confusão não é por acaso.



método sociológico na ciência da linguagem, de Volóchinov ([1929] 2017); no quarto capítulo de *Problemas da poética de Dostoiévski* ([1929/1963] 2013); e no segundo capítulo de *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* ([1934 – 1935] 2010), estes últimos tendo apenas Bakhtin como autor.

Mais uma vez não é por coincidência que os estudiosos recorrem ao primeiro texto citado, pois é nesse texto que temos um olhar mais analítico e problematizado sobre os gêneros. Segundo Faraco (2009), o ensaio *Os gêneros do discurso* é tido como um texto inacabado, pois se acredita que Bakhtin dedicaria um título inteiro sobre o tema, mas só conseguiu escrever duas substanciais partes: i) “O problema e sua definição”, onde problematiza e define os gêneros e ii) “O enunciado como unidade da comunicação discursiva”, na qual estabelece a relação divergente entre enunciado e oração, bem como situa o enunciado como unidade dos gêneros, uma vez que a comunicação se dá via gêneros. Desse modo, compreende-se a relevância na busca desse texto.

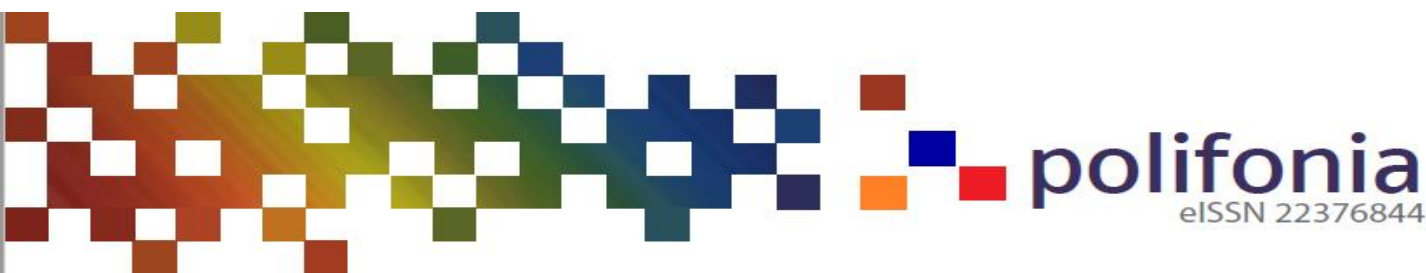
É em “Os gêneros do discurso” que Bakhtin (2016, p. 11) traz, novamente, o encontro recíproco da língua com a sociedade quando diz:

todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana.

Seguindo esse entendimento, compreendemos que as nossas atividades, nos mais variados papéis sociais circunscritos historicamente, são atravessadas pela linguagem e, sobretudo, por uma de suas representações, a língua. Do mesmo modo que essas atividades são variadas, as maneiras como utilizamos a língua também serão, e é nesse sentido que trouxemos a voz do autor russo:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só





por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2016, p. 11-12).

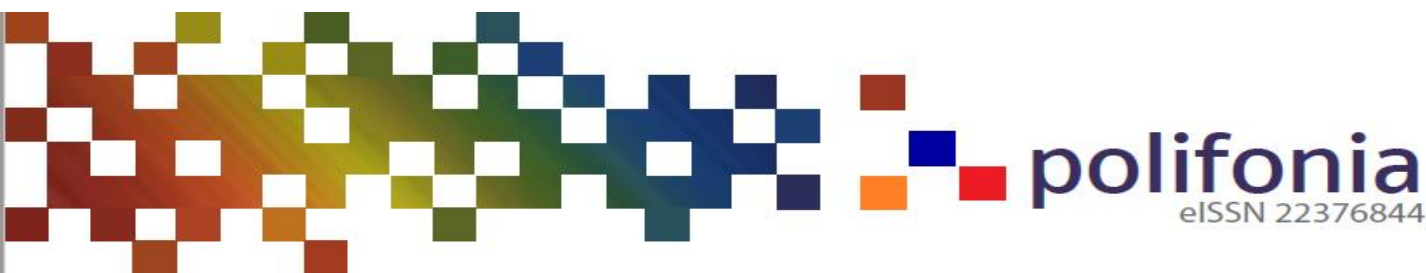
Ou seja, a variedade dos modos de utilização da língua se dá pelo caráter variado da própria diversidade das atividades humanas. Isso nos permite reafirmar como o seu uso está ligado ao social, quer dizer que são as atividades sociais que pedem diferentes formas de utilização da língua. Todos esses usos efetuam-se em formas de enunciados (escritos ou orais), fazendo-nos compreender que essas atividades só se concretizam através das formas típicas de enunciados. Por fim, essa concretização provém dos integrantes das atividades das esferas humanas, ou seja, locutor e interlocutor. E tal realização é concretizada a partir dos três elementos das formas típicas de enunciado: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Todos esses elementos que arranjam o discurso têm seu lugar na sua edificação. E, do mesmo modo, todos atravessam e se cruzam, formando um todo enunciativo relativamente estável e heteroglóssico<sup>10</sup>. Isso acontece porque o todo harmonioso de uma enunciação é lugar de tensão, de conflito, de arena.

Igualmente, não seria contraditório afirmar que os gêneros discursivos são construções coletivas e com traços individuais, pois “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 11). Isso revela seu caráter de coletividade, ao passo que “cada enunciado particular é individual” (BAKHTIN, 2016, p. 11), haja vista que o sujeito que enuncia o faz sempre de sua singularidade. Interessa-nos, também, compreender que os gêneros são inesgotáveis porque assim também são as formas das atividades humanas em todos os campos. Desse

---

<sup>10</sup> Faraco (2009) esclarece-nos que heteroglossia é um termo que designa as vozes sociais que circulam um texto, tal termo não pode ser confundido com polifonia, que a bem da verdade é uma abreviação de “romance polifônico”, um gênero discursivo estudado por Bakhtin nos romances de Dostoiévski. Paulo Bezerra, na tradução de *O discurso no romance I. A Estilística*, Bakhtin (2015), opta pelo uso do termo “heterodiscurso”.



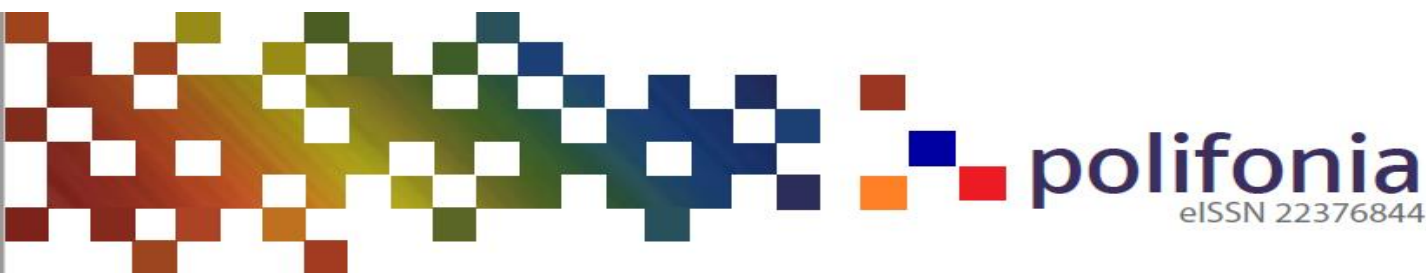
modo, as transformações nas ações sociais, que são sempre históricas, são acompanhadas pela relativa estabilidade dos gêneros. Para se ter um conhecimento sobre essa relativa estabilidade dos gêneros, trazemos um exemplo.

Nas sociedades em que as suas relações de complexidade são “ausentes”, encontramos os gêneros mais imediatos, como o bilhete, carta pessoal, réplicas dos diálogos, saudações, perguntas, respostas; já nas comunidades em que essa complexidade e a organização são mais presentes, são produzidos, também, os gêneros mais elaborados que correspondem a essa complexidade, como o *e-mail*, o editorial, a carta do leitor, petição, bula de remédio, manual de instrução, o artigo científico, a dissertação e tantos outros. Esses dois segmentos são o que Bakhtin denomina gêneros primários e secundários, respectivamente.

Ainda sobre essa dualidade, vale salientar que muitas vezes os gêneros secundários, no seu processo de formação, “incorporam e reelaboram diversos gêneros primários” (BAKHTIN, 2016, p. 13). A comparação clássica envolve a carta e o *e-mail*. A reelaboração de um para o outro, respectivamente, explicita uma relação dialógica em duas partes: primeiro entre o primário e o secundário, segundo entre os gêneros e seus estilos presentes e utilizados na sociedade, pois é o desenvolvimento dela que pede determinados gêneros e não outros; assim, a história dos gêneros mantém uma relação marcante com a história da sociedade, mas, acima de tudo, é a linguagem que atravessa, reciprocamente, a sociedade.

Muitas das atividades com a linguagem só são possíveis apenas pelos gêneros. Então,

nesse repensar das experiências com a linguagem, o que se objetiva é, também, uma retomada do conceito de gênero como modo de articulação das relações dialógicas, como modo de organização das experiências com a linguagem (CAMPOS, 2007, p. 192).



Assim, temos a clareza de que os gêneros modelam nosso modo de agir pela linguagem, além de esclarecer que sempre pensamos pela heterogeneidade, ou seja, pelas diversas formas típicas de enunciados. Em prática, para argumentar sobre concepções de linguagem, do entendimento dos gêneros, bem como todas as seções a seguir, o nosso modo de pensar passa pela inevitável trajetória de escolher e pensar no gênero para só depois falar ou escrever. Assim, pensamos no/com o gênero, logo em seguida, imaginamos nossos interlocutores, no contexto discursivo em geral e, só depois, falamos ou escrevemos. Por essa razão, não é arriscado afirmar que pensamos pela heterogeneidade.

### **Considerações finais: enunciados futuros dos diálogos**

Buscamos, através deste artigo, refletir sobre algumas concepções que, a nosso ver, atravessaram muitas das discussões formadas pelo Círculo de Bakhtin e que os fizeram, inicialmente, conhecidos no Ocidente.

Essas reflexões não esgotam as filosóficas discussões do Círculo, uma vez que tantas outras foram problematizadas pelo grupo e ainda são por seus inúmeros estudiosos que buscam no Círculo um ponto de partida para refletir sobre: linguagem, interação, enunciado concreto, gêneros do discurso etc.

Consideramos que este artigo pode ser mais uma contribuição para os estudiosos iniciantes na filosofia bakhtiniana, uma vez que os conceitos aqui estudados são alguns daqueles que primeiro os iniciantes ouvem, leem e escrevem. Assim sendo, alcançamos o objetivo de refletir progressivamente no tempo tais concepções.

Se temos a certeza de que o nosso texto não esgota o tema, também sabemos que não inaugura, pois temos a consciência, advinda do Círculo, e concretizada em nossa epígrafe, que não somos sujeitos adâmicos. Assim sendo, nosso trabalho, junta-se a



tantos outros não menos importantes e não menos singulares que já existem e também chamam outros trabalhos, futuro dos diálogos que nos sucederão.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Formas de Tempo e de Cronotopo no Romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Bernardini et al. 6 ed. São Paulo: 2010b. p. 211 – 362.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF, 2011. p. 21 – 90.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Bernardini et al. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010b. p. 71 – 83.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. 6 ed. Trad. Aurora Bernardini et al. São Paulo: 2010b. p. 13 – 70.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2016.

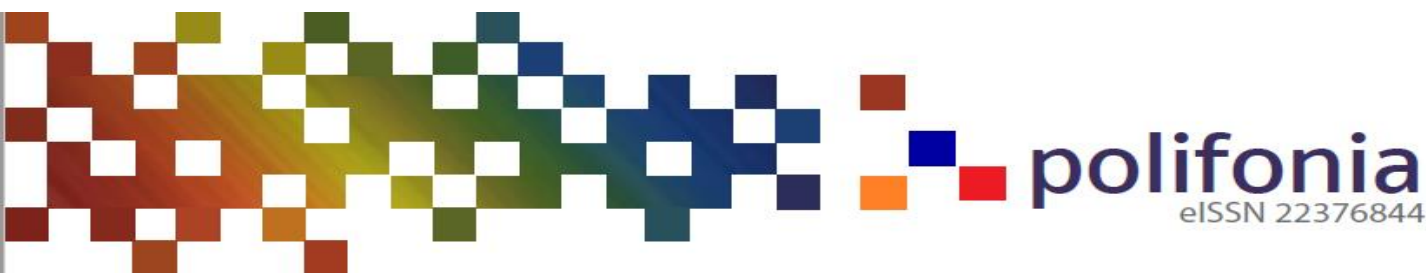
BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Augusto Ponzio. São Carlos: Pedro & João editores, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I. A estilística*. Tradução e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: dialogismo e a construção do sentido*. 2 ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 87 – 99.

BRAIT, Beth. *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.



BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-32.

BRANDIST, Craig. *Repensando o Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2012.

CAMPOS, Edson Nascimento. A dimensão dialógica da linguagem. *Vertentes* (São João Del-Rei), v. 30, p. 191 – 201, 2007.

CAMPOS, Maria Inês Batista. A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para os materiais didáticos de Língua Portuguesa. *Filologia, Linguística e Português*, n 14 (2), 2012. p. 247 – 263.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

GEGe - Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. *Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João editores, 2009.

MEDVIÉDEV, Pavel N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Ekaterina Vólkova Americo e Sheila Vieira de Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Agildo Santos Silva de. *A arquitetônica das Apresentações em livros didáticos: o olhar, o fazer, o dizer do eu sobre o tu*. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e representações). Ilhéus: UESC, 2014.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre a poética sociológica). Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, com base na tradução inglesa de I. R. Titunik. *Discourse in Life and Discourse in Art – Concerning Sociological Poetics*. In: V. N. Voloshinov, *Freudism*. New York: Academic Press, 1976. [1 ed. russa 1926]

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Vieira de Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.